



A destruição da imaginação e a permanência da utopia: Desenvolvimento, Tecnologia e Cultura em Roland Corbisier

**Gilson Leandro Queluz¹
Luiz Ernesto Merkle²**

Resumo

Abordamos neste texto algumas das reflexões desenvolvidas por Roland Corbisier sobre as técnicas em suas relações com as sociedades. Com destaque aos seus escritos do período da ditadura militar, procuraremos demonstrar que Corbisier problematizou temáticas que envolviam as relações entre tecnologia, desenvolvimento e cultura, técnica e colonialismo, técnica e política, tecnologia e imaginação, técnica e violência, dentre outras. Constatamos o trânsito de Corbisier de uma percepção marcadamente instrumentalista e determinista da tecnologia, para uma aproximação das teses da teoria crítica sobre a tecnologia. Este caminho foi trilhado pelo filósofo através de sínteses criativas e contraditórias que envolveram as suas diversas raízes formativas e políticas; o seu modernismo cultural e conservador, de caráter católico-integralista; a sua teoria cultural inspirada na fenomenologia existencialista e no culturalismo; a crescente influência da teoria da práxis em seu pensamento e a sua

Recebimento: 20/10/2013 • Aceite: 20/04/2014

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica, Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Curitiba, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Departamento Acadêmico de Estudos Sociais. Rua Sete de Setembro, 3165, Curitiba, Paraná- Brasil. 80230-901. E-mail: queluz@utfpr.rdu.br

² Doutor em Ciência da Computação, Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Curitiba, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Departamento Acadêmico de Informática. E-mail: merkle@utfpr.edu.br

persistente elaboração, em todo o período, de uma teoria do desenvolvimento nacional. Trata-se de um pensamento original que, consideramos, contribui para a elaboração de uma teoria crítica das relações entre tecnologia, cultura e desenvolvimento na América Latina.

Palavras-chave: Roland Corbisier; Tecnologia e sociedade; Tecnologia e desenvolvimento.

The destruction of imagination and the permanence of utopia: Development, Technology and Culture in Roland Corbisier

Abstract

We will discuss in this paper some of the reflections developed by Roland Corbisier about techniques in their relationship with societies. With emphasis on his writings from the period of the military dictatorship, we will attempt to demonstrate that Corbisier sought to problematize issues involving the relationship between technology, culture and development, technique and colonialism, technique and politics, technology and imagination, technique and violence, among others. We observed the transit of Corbisier from a perception markedly instrumentalist and deterministic of technology to an approximation of the theses of the critical theory about technology. This path was trodden by the philosopher through creative and contradictory syntheses which involved his many political and formative roots; his cultural and conservative modernism of a catholic-integralist kind; his cultural theory inspired by existential phenomenology and by culturalism, the growing influence of the theory of praxis in his thinking and his continued development of a theory of national development throughout the period. This is an original thought which we believe contributes to the development of a critical theory of the relationship between technology, culture and development in Latin America.

Keywords: Roland Corbisier; Technology and society; Technology and development.

Introdução

Abordamos neste texto algumas das reflexões desenvolvidas por Roland Corbisier sobre as técnicas em suas relações com as sociedades. Com destaque aos seus escritos do período da ditadura militar, procuraremos demonstrar que Corbisier problematizou temáticas que envolviam as relações entre tecnologia, desenvolvimento e cultura, técnica e colonialismo, técnica e política, tecnologia e imaginação, técnica e violência, dentre outras. É nossa visão que suas reflexões sobre as tecnologias aprofundaram-se, especialmente após a sua leitura da obra de Jaques Ellul, em meados da década de 1960.

Podemos dizer que o caráter substantivista³ da obra de Jacques Ellul foi hibridizado por Roland Corbisier, que, ao deslocar sua visão inicial sobre tecnologia, tendencialmente instrumentalista⁴ e determinista⁵, acabou por forjar uma crítica de caráter original. Fez isso por meio de um apelo constante à abordagem marxista, a qual denominava teoria da práxis, justo em um momento histórico de repressão política, percebido por ele como ruína da razão e da liberdade. Consideramos que Corbisier, ao retomar e aprofundar conceitos como o de colonialismo tecnológico, de destruição da imaginação, através da tecnologia, ressignifica a questão da técnica através de uma original teoria da cultura⁶, objetivando elucidar algumas das contradições e potencialidades transformadoras da sociedade.

³ Os conceitos de substantivismo, determinismo e instrumentalismo são propostos por Andrew Feenberg. Substantivismo seria a visão de que “a tecnologia incorpora um valor substantivo, não é meramente instrumental e não pode ser usado para diferentes propósitos de indivíduos ou sociedades com ideias diferentes do bem. O uso da tecnologia para esse ou aquele propósito seria uma escolha de valor específica em si mesma e não apenas uma forma mais eficiente de compreender um valor preexistente de algum tipo (...) A teoria substantiva não faz tal suposição sobre as necessidades a que a tecnologia serve e não é otimista, mas crítica. Nesse contexto, a autonomia da tecnologia é ameaçadora e malévola. A tecnologia uma vez liberta fica cada vez mais imperialista, tomando domínios sucessivos da vida social.” in: Feenberg (2010 , pp. 59-60)

⁴ Para Feenberg, “instrumentalismo é a visão-padrão moderna, segundo a qual a tecnologia é simplesmente uma ferramenta ou instrumento com que a espécie humana satisfaz suas necessidades (...) essa visão corresponde à fé liberal no progresso. Ver Feenberg (2010, p. 57)

⁵ Determinismo tecnológico para Feenberg é “ uma visão amplamente mantida nas ciências sociais desde Marx, segundo a qual a força motriz da história é o avanço tecnológico. Os deterministas acreditam que a tecnologia não é controlada humanamente, mas que, pelo contrário, controla os seres humanos, isto é, molda a sociedade às exigências de eficiência e progresso.” ver Feenberg(2010, p. 57-58)

⁶ Sobre a teoria da cultura em Corbisier, ver: Castanho(1993)

Roland Cavalcanti de Albuquerque Corbisier nasceu em São Paulo, em 1914 e faleceu no Rio de Janeiro, em 2005. Filho de famílias tradicionais pernambucanas⁷, teve uma trajetória intelectual e política bastante movimentada⁸. Aos 19 anos, marcado pelo conservadorismo católico, afirmava que aderiu ao integralismo, “sob a influência de Maritain, e de outros divulgadores franceses do tomismo cheguei à conclusão de que, assim como havia uma verdade política, deveria haver uma verdade filosófica e religiosa. A verdade política era o integralismo, a filosófica, o tomismo e a religiosa, o catolicismo” (CORBISIER, 1978a, p. 33). Como militante integralista chegou a ser membro do Conselho dos Quarenta, mantendo sua militância católica, que não considerava como uma dimensão separada da militância política. Foi um dos fundadores, em 1940, do Centro de Estudos Jackson de Figueiredo. Alceu Amoroso Lima comentaria sobre esta fase da vida de Corbisier, dizendo que “a adesão de Corbisier ao integralismo, dialoga por um lado com o seu modernismo e por outro com as suas “veleidades reformistas, com as quais entra em contato através da Sociedade de Estudos políticos, embrião da Ação Integralista Brasileira”. Corbisier relatou, mais tarde, que apesar do declarado incômodo com a adoção pelo integralismo de boa parte do simbolismo fascista e da constituição de um aparato paramilitar, foi apenas quando do exílio de Plínio Salgado em 1937, que lentamente passou a questionar as suas convicções anteriores. Afirmou que “os equívocos, as confusões, o impressionismo, a improvisação, os aspectos demagógicos, o messianismo, a carência de qualquer base filosófica e científica, em suma, tornaram-se para nós patentes” (CORBISIER, 1978a, p. 35). Em 1945, ele rompeu com o líder integralista e aproximou-se gradativamente das correntes existencialistas.

Corbisier foi um dos primeiros divulgadores do existencialismo em São Paulo, dialogando, especialmente com autores existencialistas cristãos como Kierkegaard, Jaspers e Gabriel Marcel. Anos depois, também faria um duro diagnóstico sobre este momento da sua trajetória filosófica: “angustiado, desesperado, entediado, nauseado, mas, em compensação, autêntico, encontrava na filosofia existencial a orquestração dos temas que constituíam a própria condição econômica e social, de intelectual pequeno-burguês que, embora abominasse a burguesia, fazia inconscientemente, por mera alienação, o jogo dos

⁷ Ver Castanho (2006)

⁸ Para construir esta narrativa sobre a trajetória de Roland Corbisier, utilizamos especialmente: Corbisier (1978a). Para um outro olhar sobre a trajetória intelectual de Corbisier ver: Castanho (1993), especialmente o capítulo 3, e Castanho (2006)

seus interesses”(CORBISIER, 1978a, p. 46). Ele ressalta a tendência reacionária de sua adesão ao existencialismo, pois, ao condenar o mundo moderno em crise, diagnosticava-a como uma crise religiosa e metafísica, provocada pelo progresso material, científico e tecnológico, e que só poderia ser resolvido pelo retorno à religião ou pela metafísica, em um processo de reconstrução ou restauração de um “mundo aristocrático e feudal” (CORBISIER, 1978a, p. 51).

Contudo, apesar do caráter reacionário destas adesões, Corbisier avaliaria que duas ideias centrais do existencialismo permaneceriam como relevantes em sua trajetória posterior: o aprendizado de que o ser humano concreto é fruto de sua circunstância, e a ideia de que o homem poderia ser compreendido como um ser em projeto (CORBISIER, 1978a, p. 59). Corbisier ressaltou a importância de suas derivações, construídas a partir de Ortega y Gasset, em sua reflexão sobre a nação, considerando-a não como uma essência apriorística, mas sim, como um “projeto de edificação da realidade nacional”. (CORBISIER, 1978a). Também consideramos que, deste período, a anterior tematização da modernidade por Corbisier, marcada pelo nacionalismo cultural integralista, encontra-se com a forte ênfase existencialista na cultura como mediação principal da constituição da subjetividade do eu na sua relação com as circunstâncias. Este encontro foi fundamental para a posterior centralidade que ocupou a questão da cultura, na sua discussão sobre colonialismo e desenvolvimento (CASTANHO, 1993, p. 67)

O abandono das tendências conservadoras deu-se de maneira gradual. Corbisier destacaria três momentos, de sua caminhada rumo a sua posição nacionalista e a pregação da revolução democrático-burguesa. Em um primeiro momento, os questionamentos levantados pelos membros cariocas do Grupo de Itatiaia, em 1953, especialmente por Helio Jaguaribe, enfatizando a necessidade de compreender as questões filosóficas, econômicas, políticas e sociais, a partir da concretude do contexto mundial e, preferencialmente da perspectiva brasileira. Um segundo momento foi o de sua transferência para o Rio de Janeiro, a convite do mesmo Hélio Jaguaribe, para assumir uma assessoria na Assistência Técnica da Educação e Cultura (ATEC) do Ministério da Educação e Cultura. O posterior envolvimento, mesmo que indireto, com a discussão do plano de Governo de Juscelino Kubitschek e a sua promoção ao secretariado da ATEC, preparou o caminho para sua participação na criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que seria criado em 1955, e do qual foi

diretor até 1960.⁹ Corbisier declarou que para a elaboração de suas teses sobre o nacionalismo, desenvolvimento e colonialismo, neste período, valeu-se, como ponto de partida, da filosofia da existência, especialmente em sua raiz fenomenológica. Assim, as noções de intencionalidade da consciência, situacionamento, projeto como planificação para o desenvolvimento e as categorias hegelianas de totalidade e contradição, permitiram-lhe a elaboração de uma concepção original do nacionalismo como ideologia do desenvolvimento.

O terceiro momento deu-se quando Corbisier foi eleito deputado estadual pela Guanabara, em 1960. Corbisier destacaria que o processo da campanha eleitoral foi decisivo para o desvelamento das contradições do capitalismo; a práxis completando o seu processo de formação, “mais do que os livros, as aulas e as conferências, esse contato com a miséria e o aviltamento do ser humano, privado do mínimo necessário à subsistência e à preservação da sua dignidade, terá contribuído para descerrar finalmente aos meus olhos o segredo da sociedade capitalista e burguesa, que se edifica e constrói sobre a opressão e a espoliação (CORBISIER, 1978a, p. 105). A prática parlamentar, possibilitou, segundo ele, sua transição do nacional desenvolvimentismo para o socialismo. Corbisier foi, ainda, eleito primeiro suplente de deputado federal pelo PTB, assumindo, em julho de 1963, o mandato, que seria breve, tendo em vista a cassação dos seus direitos políticos com o golpe de 1964.

Os textos em que focamos nossas análises foram publicados em período de exílio interno, ou seja, em que, retirado da vida política como parlamentar, afligido pela violência política, procurou manter viva a ideia de projeto, o sentido da história e da sua própria vida na história. Seria também, neste momento, que o encontro com a teoria da práxis em sua leitura hegeliana se intensificaria.

Em meio às ruínas trazidas pelo autoritarismo, Corbisier nos convida a escutar a voz do seu mestre Hegel: “ouçamos o que nos diz o mestre, nas Lições sobre a história: 'A filosofia começa pela ruína de um mundo real (...) a filosofia só aparece quando a vida pública não mais satisfaz e deixa de interessar ao povo, quando o cidadão não pode mais participar da administração do Estado” (CORBISIER, 1976, 194-195).

⁹ Sobre o governo JK e o Nacional desenvolvimento ver a coletânea organizada por Ferreira & Delgado (2008). Ver também; Botelho ; Bastos ; Bôas (2008).

A filosofia se faz absolutamente necessária como possibilidade de convivência democrática e racional dos seres humanos:

Que opor às paixões e aos interesses que, não logrando prevalecer por meio da palavra, da razão, do diálogo, procuram impor-se pela violência? A violência também?(...) A única possibilidade de transcender a contradição dos particularismos, evitando a violência, seria descobrir um plano comum a ambos os contendores, no qual pudessem encontrar-se e reconhecer-se. Esse plano é o logos, que, em grego, significa tanto a razão quanto a palavra (...) O filosofar surge, assim, historicamente, como uma tentativa de conjurar a violência por meio da palavra que exprime a razão ou a racionalidade universal, inscrita na consciência de cada ser humano (CORBISIER, 1976, p. 196).

Conjurar a violência significava caminhar para o pleno reconhecimento do outro como humano, abandonando as antinomias entre senhor e escravo. Este processo é reconhecidamente histórico, e marcado pela história do trabalho. A reflexão sobre esta concepção hegeliana, em Corbisier, é fertilizada pela sua aproximação com a teoria da práxis, pois, para ele, embora esta alegue ter colocado a teoria hegeliana de ponta cabeça, “nem por isso deixa de ser uma aplicação, à crítica da sociedade burguesa e capitalista, de suas categorias fundamentais, tais como a de totalidade, contradição, dialética, negação, e alienação”. Corbisier questionou se não estaria seguindo o exemplo do próprio Marx, que nos Manuscritos de 1844, reconhece a importância da Fenomenologia na medida em que Hegel “apreende a produção do homem por si mesmo como um processo” e “apreende a essência do trabalho e concebe o homem objetivo, verdadeiro porque real como resultado do seu próprio trabalho”? (CORBISIER, 1976, p. 198).

É nossa percepção de que na luta de Corbisier contra a violência e o autoritarismo do estado militarizado e tecnocrático, emergiria o tema das técnicas, visto como um campo nevrálgico em que o encontro entre a razão, a política e a cultura, mediados pela teoria da práxis, precisariam ser radicalmente reconstruídos na sociedade moderna.

Confissão sobre as técnicas

Em 1968, na introdução ao livro de Jacques Ellul, *A Técnica e o Desafio do Século*, Corbisier fez uma confissão de que até a leitura e tradução do livro não tinha “meditação especial a respeito do assunto, considerando-o à luz das opiniões e dos preconceitos vigentes, de

acordo com os quais o problema da técnica é puramente instrumental ou metodológico, não envolvendo conotação ética ou política, religiosa ou estética, por exemplo.” (CORBISIER, 1968b, s/p). Corbisier assumia, portanto, o que poderíamos definir, nos termos de Feenberg, que, até então, tinha tido uma visão instrumentalista das tecnologias. Esta *mea culpa* pode ser complementada pelos comentários sobre o seu existencialismo como uma opção reacionária, pois era condenatória do progresso científico e material, e que auxiliou a fortalecer sua antipatia para com as técnicas, as máquinas e o “mundo urbano e industrial”, ao evidenciar soluções metafísicas para a crise e decadência do ocidente (CORBISIER, 1978a, p. 51).

Apesar de Corbisier relatar que a explosão das bombas atômicas, ao final da segunda guerra mundial, servira como um alerta inicial sobre a importância da discussão da técnica e da ciência, foi por meio do livro de Jacques Ellul (1968), que, aparentemente, adquiriu plena consciência da importância da temática. Corbisier observou que o livro de Ellul ajudou a colocar em cheque, teses de autores como Mumford, Ducassé e Toynbee, especialmente a sua confusão entre técnica e máquina e a crítica à divisão da história das técnicas por fases relacionadas aos tipos de energia ou de materiais (CORBISIER, 1968b, s/p).

Gostaríamos de frisar que há um encontro do caráter substantivista do livro de Jacques Ellul com a leitura de Corbisier, mediado pela teoria da práxis e por sua teoria da cultura, as quais lhe permitem re-situar a questão da tecnologia na sociedade contemporânea em sua obra. Consideramos que três aspectos, destacados posteriormente na análise do livro de Jacques Ellul, serão relevantes, ao possibilitar maior amplitude crítica, para as demais análises sobre a técnica, empreendidas pelo autor: o conceito de técnica como algo presente nas múltiplas atividades humanas; a visão de técnica como política e planejamento; a crítica à universalidade da técnica.

Primeiramente, vamos refletir sobre a conceituação da técnica. Ao abandonar a identificação entre técnica e máquina, abriu-se a possibilidade de Corbisier inverter, como Ellul, a lógica hegemônica estabelecida e percebê-la como incluindo “em seu domínio, progressivamente, esferas da atividade humana que nenhuma relação imediata apresentam com a máquina, tais como pedagogia, a psicologia, a política, os esportes, os divertimentos, etc. A técnica corresponderia assim a uma exigência de racionalização, a uma forma superior de saber fazer” (CORBISIER, 1968b, s/p). Em outras

palavras, a técnica deixaria de ser “conteúdo para tornar-se englobante, deixa de ser momento ou aspecto de uma totalidade não técnica, para tornar-se a força configurante da própria totalidade.”(CORBISIER, 1968b, s/p). A visão teórica substantivista da técnica como elemento pervasivo das múltiplas práticas sociais, presente não somente no aspecto produtivo, mas também, na circulação, no consumo e na constituição do imaginário social, na política e na cultura, permitiria a Corbisier, como veremos adiante, ao hibridizá-la com a teoria da práxis e sua teoria cultural, analisar fenômenos tão díspares como a tecnocracia, a cidade, a televisão, o colonialismo tecnológico, como elementos de uma totalidade social.

Para Corbisier também foi de grande interesse um segundo aspecto, a visão da técnica como política e como planejamento, reinventando a noção de projeto. Corbisier reivindica, reinterpretando Ellul, a clara necessidade de planificação da economia como forma de combate à irracionalidade de um capitalismo que racionaliza a produção, mas pouco se preocupa com a distribuição, circulação e, especialmente, com o consumo. Ao deixar as pessoas sujeitas à exploração sem limites e à arbitrariedade dos agentes do capital, o sistema capitalista criaria disparidades e injustiças sociais evidentes.

O terceiro aspecto a se considerar foi o modo como a pretensão de universalidade da técnica capitalista e ocidental foi tematizada por Corbisier, vista também como um instrumento de colonização.

Estas percepções sobre as dimensões plurais da técnica na vida humana levaram a uma revisão da teoria do reconhecimento hegeliana, por Corbisier, mas também fortaleceram sua teoria da cultura, fazendo-o questionar “se a história é antropofania, quer dizer desvelamento ou manifestação, ao longo do tempo, do antropos, e se a mola, o segredo da história é a técnica, não será a técnica o instrumento propiciatório da revelação do homem? (CORBISIER, 1968b, s/p). Acreditamos que esta ênfase na questão da técnica redimensionou sua própria teoria cultural, baseada no pressuposto de que se a filosofia é uma reflexão sobre o agir e o fazer do homem, ela é uma reflexão sobre o mundo criado, sobre a cultura, possibilitando uma maior preocupação com o fazer (CASTANHO, p. 79). Para ser mais exato, Corbisier, naquele momento, ativou todas as faces de sua visão do objeto cultural, exemplarmente expressas pela técnica, aquele composto pela matéria, pela parte humana, ou seja, a forma significativa e pelos valores, abandonando na conjunção dialética com a teoria da práxis, o seu anterior idealismo. (CASTANHO, p. 93).

Colonialismo tecnológico, ciência e desenvolvimento

Em Corbisier, o momento de redefinição das relações entre técnica e sociedade ocorreria simultaneamente a sua rearticulação da teoria do desenvolvimento e do colonialismo no âmbito de uma teoria social baseada em sua dialética marxista-hegeliana¹⁰.

Corbisier teve como um eixo fundamental de sua filosofia do desenvolvimento, a reflexão sobre o colonialismo. Afirmou ele no seu texto introdutório ao livro de Alberto Memmi, *Retrato do Colonizado precedido pelo Retrato do Colonizador*,

Uma filosofia do colonialismo, empresa ainda não tentada, mostraria que a colônia não é sujeito mas objeto, não é vigília mas torpor, não é consciência mas comportamento, não é forma porém, não é cultura mas natureza, não é tempo mas espaço, não é história mas geografia etc.” (CORBISIER, 1978b, p. 124-125).

O colonialismo seria, portanto, um “fenômeno social total”, no qual certo território com características econômicas, sociais, culturais, religiosas e de estruturação do mundo do trabalho, seria conquistado pela metrópole, causando por um lado, a ruptura da tessitura social vigente, e por outro, a instalação pela violência militar da máquina colonial, “a máquina de domínio e de exploração, a estrutura política e administrativa que coloca os recursos naturais e a mão-de-obra colonial a serviço da nação colonizadora.” (CORBISIER, 1978b, p. 97). O processo colonial não se restringe apenas à dominação da infraestrutura, mas concomitantemente da “sua superestrutura ideológica e cultural” (CORBISIER, 1978b, p. 124).

Impõe-se, desta forma, segundo Corbisier, a dialética excludente entre a metrópole e a colônia, segundo a qual, a primeira é considerada como o ser, e a segunda como o não-ser.

como a colônia, no plano econômico, exporta matéria-prima e importa produto acabado, assim também, no plano cultural, a colônia é material etnográfico, vivendo da importação e do consumo do produto cultural elaborado no estrangeiro. Ora, produzir matéria-prima é produzir o não-ser, a mera virtualidade ou

¹⁰ Sérgio Castanho argumenta que no período entre 1968 e 1988, Roland Corbisier rearticulava sua obra de forma coerente em três eixos a partir do aprofundamento de sua reflexão dialética hegeliano-marxista. Os eixos seriam, o filosófico em sua aplicação cotidiana, a linha teórico-científica em sua releitura da teoria social e o eixo ideológico na redefinição de sua visão sobre nacionalismo e desenvolvimentismo. Ver: Castanho (1993)

possibilidade de ser, que só se atualizará quando receber a forma que o outro, quer dizer a metrópole, lhe imprimir. Importar o produto acabado, ao contrário, é importar o ser, a forma que encarna e reflete a cosmovisão daqueles que a produziram. Exportando o não-ser e importando o ser, a colônia é o invólucro vazio de um conteúdo que não é próprio mas alheio, não tendo forma própria porque, enquanto colônia, não tem destino. (CORBISIER, 1978b, p. 125).

Neste sentido, a colônia era ausência de um projeto próprio, constituindo-se essencialmente em projeto alheio, da metrópole, sofrendo, portanto, um processo de alienação estrutural. Neste contexto de dominação e negação do ser da colônia, Corbisier ressaltou algumas das estratégias de construção desta alienação cultural estrutural, que incidiriam na própria negação da capacidade do saber fazer da sociedade colonizada, desenvolvida pelo, por ele denominado, colonialismo tecnológico¹¹.

Acuados pela esmagadora supremacia tecnológica dos impérios ocidentais, os povos do “terceiro mundo” foram postos diante da alternativa de recusar a técnica e permanecer na opressão, embora conservando as formas tradicionais de sua cultura, ou assimilar a técnica ocidental, para dela fazer o instrumento de libertação. (CORBISIER, 1968b,s/p)

Corbisier retomou o tema em *Filosofia Política e Liberdade*, onde apontou a importância de “um estudo especial do que poderíamos chamar de colonialismo tecnológico, quer dizer, a dependência do ponto de vista do *know how* e da formação de especialistas em que se encontram os países atrasados em relação às nações altamente desenvolvidas.” O filósofo argumentava sobre a necessária compreensão e ruptura com este tipo de dominação colonial. Dentro da perspectiva faseológica da teoria desenvolvimentista, por ele adotada parcialmente, se desenvolvimento é industrialização, o “país que não dispuser de uma tecnologia própria ficará na dependência dos países tecnicamente adiantados” (CORBISIER, 1978b, p. 95).

O combate político de Corbisier também se voltou contra outro conjunto de práticas coloniais, que justificavam, através de um

¹¹ Sobre a utilização da tecnologia como instrumento de dominação colonial, ver: Adas (1989) Ver também: Headrick (1988).

discurso “científico” racista, a suposta superioridade do colono europeu:

ao fabricar a ideologia do colonialismo, ao tentar estabelecer a tese da sua superioridade, que é puramente circunstancial e histórica, o colonizador desemboca inevitavelmente no racismo. Ora, em que consiste o racismo? Em converter em “natureza” o que é apenas “cultural”, ou, com outras palavras, em converter o fato social em objeto metafísico, em “essência” intemporal. Para justificar, para legitimar o domínio e a espoliação, o colonizador precisa estabelecer que o colonizado é por “natureza”, ou por “essência”, incapaz, preguiçoso, indolente, ingrato, desleal, desonesto, em suma, inferior. Incapaz, por exemplo, de educar-se, de assimilar a ciência e a tecnologia modernas, bem como de exercer a democracia, de governar-se a si mesmo. (CORBISIER, 1978b, p. 100).

Em relação ao processo de luta pela emancipação colonial, Corbisier propunha a negação do dominador colonial no processo de afirmação do colonizado. Neste processo, a antiga colônia transforma-se em um ente em si, e ao elaborar um projeto de desenvolvimento autônomo, redefine o papel da ciência e da tecnologia, apropriando-se dos saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos da metrópole, porém, agora, como instrumentos de liberdade, de emancipação, voltados para as novas necessidades sociais e econômicas.

A questão do colonialismo, para Corbisier, desde suas elaborações teóricas do período do ISEB, estava na gênese do próprio problema do desenvolvimento, pois este versaria exatamente sobre a origem das estruturas sociais e econômicas dominantes, e do papel que nelas exerce “a opressão e exploração das classes trabalhadoras e dos povos colonizados.” (CORBISIER, 1978b, p. 110) Para ele, o desenvolvimento consistiria “na transformação qualitativa das estruturas econômicas e sociais”, não podendo ser medido apenas por índices quantitativos como o de renda *per capita*. (CORBISIER, 1978b, p. 117). Compreendido como “projeto de transformação global da sociedade”, o desenvolvimento deveria levar em conta três aspectos centrais: o econômico, o social e o político. O projeto de desenvolvimento teria por objetivo a superação do subdesenvolvimento, do atraso econômico, da situação de dependência colonial ou semicolonial, através da descolonização da economia dos países pobres, rompendo a “dependência em relação ao exterior” e montando “estruturas de produção voltadas para o próprio país, e destinadas a utilizar os recursos naturais e a mão de obra local e a

abastecer prioritariamente o mercado nacional ou interno.” (CORBISIER, 1978b, p. 129)

É nesse contexto teórico e político que Roland Corbisier situou o papel da ciência e da técnica. Primeiramente, e ainda dialogando com um certo determinismo, afirmava que o fator principal que deflagraria o processo de desenvolvimento seria a industrialização, que basicamente consistiria na “aplicação da ciência e da técnica de base científica ao processo produtivo” (CORBISIER, 1978b, p. 116). Corbisier especificava, porém, o caráter dialético desta relação, pois a industrialização seria, em grande escala, fruto da ciência e da tecnologia entendida como o conhecimento da natureza e o saber fazer, que permite dominá-la e transformá-la, e que em um momento posterior seriam subordinadas à lógica.

Assim, o desenvolvimento econômico desvelaria a possibilidade, através de um projeto nacional que eliminasse, nos termos marxistas, “a contradição entre a estrutura das forças produtivas e as relações de produção”, de proporcionar “bem estar e o conforto, a saúde, a educação e a cultura não apenas a classes e grupos privilegiados, mas a todos aqueles que contribuem com seu trabalho para a produção da riqueza coletiva” (CORBISIER, 1978b, p. 118).

Corbisier ressaltou, relativizando o caráter determinista inicial de sua proposição, que um projeto de desenvolvimento é simultaneamente um projeto político e técnico. Um projeto socialista de desenvolvimento visaria,

eliminar os desequilíbrios e as desigualdades das sociedades tradicionais, não só promovendo o desenvolvimento integrado de todos os setores e de todas as regiões do país, mas distribuindo a renda de maneira justa entre todos aqueles que participam, pelo trabalho, do processo produtivo. A elaboração e a realização do plano, levando em conta não interesses regionais ou de classe, mas os interesses globais da sociedade e da nação corresponde, como se disse, ao propósito de racionalizar o processo produtivo e a vida social em sua totalidade (CORBISIER, 1978b, p. 140).

O desenvolvimento consistiria, neste novo enfoque, em utilizar a ciência e a técnica no processo de transformação da natureza e na produção de bens e serviços que atendessem às necessidades e expectativas humanas, utilizando, “em benefício do homem, a filosofia, a ciência e a técnica, que representam as grandes conquistas da razão” (CORBISIER, 1978b, p. 140). Para atingir-se este objetivo seria fundamental o desenvolvimento de instituições de pesquisa científica e do fortalecimento das universidades e do ensino profissional.

As técnicas e as contradições do sistema: rumo a uma utopia emancipatória

Corbisier procurou, ao longo das décadas de 1970 e 1980, realizar um exercício de aproximação da sua filosofia radical com o cotidiano, tentando despertar as consciências para um processo de transformação social, através da escritura de diversos artigos para a imprensa. Foi neste momento que escreveu importantes textos sobre as relações entre técnica, política e cultura, presentes em nossa cotidianidade e, geralmente, invisibilizadas pelos diversos modos de alienação.

Um exemplo significativo foi o artigo publicado no jornal *Tribuna da Imprensa* em 1974, republicado no livro *Filosofia e Crítica Radical*, em que abriu polêmica com Bulhões Pedreira, que fizera a “apologia dos tecnocratas” em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*. A crítica radical permitiu a Corbisier atacar um elemento central no discurso hegemônico da ditadura militar: a crença no governo dos técnicos (CORBISIER, 1976, p. 39).

No artigo, Bulhões Pedreira, estabelecia uma distinção entre os bacharéis (advogados, juristas e políticos), que seriam os representantes do humanismo e os tecnocratas, que representariam a eficiência, exigência central do desenvolvimento econômico. Dessa forma, os últimos teriam relegado os primeiros ao passado (CORBISIER, 1976, p. 40). Segundo Pedreira, o mundo contemporâneo endereçaria total desprezo à justiça, preocupando-se exclusivamente com a eficiência. Corbisier utilizou algumas argumentações sobre o sentido da técnica para destruir aquela argumentação falaciosa. Primeiro, que tanto os advogados, bacharéis e juristas, quanto engenheiros e economistas, seriam igualmente técnicos, pois detentores de um “saber fazer”, um *know how*, próprio. Portanto, o elogio irrestrito aos tecnocratas seria, em si, um argumento insustentável.

Em segundo lugar, Corbisier aponta a impossibilidade de um governo tecnocrático, ou um governo dos técnicos, pois estes podem executar operações, aplicar os seus conhecimentos, mas a direção e os objetivos destes processos técnicos são sempre decisões políticas e não técnicas. Corbisier concordava que seria possível argumentar que o político seria um tipo de técnico, porém, se fosse esse o caso, seria uma superespecialidade técnica, aquela em que os interesses públicos estão acima dos particulares, consistindo paradoxalmente em uma técnica

das técnicas (CORBISIER, 1976, p. 42). Argumentava que somente são capazes de “gerir eficazmente os negócios da pólis, aqueles que têm uma visão sinóptica ou global dos seus problemas” (CORBISIER, 1976, p. 43), e assim nenhum tipo de “desenvolvimento econômico, por mais intenso e acelerado que seja, permite a substituição no governo dos políticos pelos técnicos” (CORBISIER, 1976, p. 43).

Por fim, Corbisier levantou a questão da permeabilidade das atividades, técnicas e jurídicas, pelas questões éticas ou políticas, ou seja, sua inexorável inserção em uma totalidade. Para ele, portanto, juristas e técnicos, como seres humanos, não podem prescindir da justiça, desejável nas relações sociais em uma sociedade democrática, assim como não podem prescindir da eficiência em suas atividades.

Ocorre que nem o técnico representa com exclusividade a eficiência, nem o bacharel tem o monopólio da justiça. Uns e outros, enquanto técnicos, não podem dispensar a eficiência. Todavia como seres humanos, não podem deixar de querer a justiça, sem a qual a eficiência perde qualquer sentido, deixando inclusive de ser eficiente. (CORBISIER, 1976, p. 44).

Nos textos produzidos para a revista *Crítica* e para a *Tribuna da Imprensa*, republicados no livro *Filosofia e Crítica Radical*, Corbisier apresentou uma consistente problematização sobre as relações entre tecnologia, alienação e sistema capitalista.

Ele inicia sua reflexão questionando o porquê da televisão, que representaria o “desfecho de séculos de trabalho, de esforço, de pesquisa, um aparelho que realiza o milagre da ubiquidade, do som e da imagem ao mesmo tempo, um prodígio da ciência e da tecnologia” (CORBISIER, 1976, p. 65). A televisão possui o potencial de democratização radical da informação, da cultura e da educação, apesar de não servir a estas finalidades na sociedade contemporânea, servindo, na verdade, como instrumento de alienação.

A argumentação do filósofo apela para os conceitos de totalidade e contradição, advindos da tradição hegeliana e retomados na perspectiva marxista,

produção, circulação, distribuição e consumo, são momentos apenas, abstrações de uma totalidade, de um mesmo e único processo, que se inicia com a transformação do dado natural em manufatura, prossegue com a conversão da manufatura em mercadoria, e termina com a destruição ou negação do produto, ou da mercadoria, enquanto tal. (CORBISIER, 1976, p. 68).

Neste sentido, a publicidade seria um momento essencial do processo produtivo, pois teria o papel de “produzir o consumidor, que é

o fim, a razão de ser do processo produtivo. Além de fabricar o produto, a economia capitalista fabrica também o consumidor, por meio da publicidade.”(CORBISIER, 1976, p. 68). Conseqüentemente, a publicidade não teria nenhum compromisso com valores, mas apenas com o processo de produção e ampliação do capital através do estímulo e produção de novas possibilidades de consumo, e em última instância com a própria conformação dos sujeitos como consumidores autômatos, robôs a serviço do sistema capitalista.

A televisão foi incorporada a serviço da publicidade e dos objetivos últimos do sistema capitalista, sendo, em última instância, um instrumento de construção da alienação. Corbisier argumentava que a televisão instaurou uma nova pedagogia, que neutraliza os esforços, já precários, da pedagogia tradicional em constituir um ser social mais pleno, ao inverter e diluir valores, transformando, nesta operação, o “cosmos em caos”. Esta nova pedagogia teria especial impacto sobre as crianças, que “medusadas pelo que ocorre no pequeno écran” não brincariam mais. Para Corbisier, a imaginação infantil seria destruída, e a sua capacidade criadora seria “anulada pela presença contínua do vídeo, que as transforma em pequenos autômatos a repetir os lugares comuns, as frases feitas, os slogans da propaganda”(CORBISIER, 1976, p. 72). Operar-se-ia, conseqüentemente, a destruição da imaginação, espaço por excelência da liberdade. A liquidação da imaginação significaria a eliminação do espírito crítico, pois, “só podemos criticar o mundo em que vivemos, e condená-lo, na medida em que o confrontamos com outro que, por definição, porque não é o mundo real, só pode existir em nossa fantasia”. A destruição da imaginação, da capacidade de sonhar, prepararia o caminho para a aceitação do *status quo* e conformação com a realidade vigente, que passaria a ser considerada a possibilidade única, “a última palavra da história, em que a felicidade pode ser comprada, a preços módicos, em qualquer supermercado” (CORBISIER, 1976, p. 73).

Dialética e ironicamente, para Corbisier, a televisão, encarnação da racionalidade científica e tecnológica humana, artefato que atribuiu aos seres humanos o dom divino da onipresença, tornara-se canhestamente em “principal instrumento do mercado, na imensa fábrica de consumidores sonambúlicos e alienados.” (CORBISIER, 1976, p. 74).

Corbisier, em outro momento, mostrou que a economia capitalista, ao racionalizar o processo produtivo e deixar as demais etapas de circulação, distribuição e consumo, ao sabor do mercado,

acaba produzindo contradições evidentes. Novamente a publicidade foi seu alvo, e a ciência e a tecnologia, como portadores da racionalidade humana são tematizadas.

Uma primeira contradição apontada é entre a constatação e combate dos cientistas contra os efeitos deletérios dos tóxicos, e a publicização dos cigarros como mercadorias. As publicidades de cigarro associariam o seu consumo ao prazer, ao erotismo, à juventude e seu anseio de aventura, omitindo os efeitos perniciosos ao organismo. Corbisier questionou: “não é irracional recomendar, em nome de interesses que nada tem a ver com a saúde do ser humano, nem com a ciência, que é a própria expressão da racionalidade, o uso de venenos... A serviço do que está o sistema, da ciência, da medicina, da saúde do ser humano, ou dos interesses particulares dos fabricantes de tóxicos?” (CORBISIER, 1976, p. 168).

A resposta apareceu no mesmo artigo, indiretamente, através da negatividade crítica endereçada a outro artefato tecnológico da modernidade. Corbisier argumentou que o automóvel, esta “pequena obra prima da ciência e da tecnologia”, desenvolvido com a explícita intenção de proporcionar maior mobilidade, acabou, na dialética irracional do processo de consumo, transformando-se no “auto-imóvel, instrumento não de locomoção, mas de imobilização” (CORBISIER, 1976, p. 170), pois o planejamento da infraestrutura necessária para a circulação de uma quantidade cada vez maior de carros, não acompanhou o ritmo da produção e consumo dos mesmos. A proliferação desmedida de automóveis evidencia a irracionalidade do sistema capitalista e suas contradições, ao procurar “por todos os meios, do crédito e da publicidade, multiplicar o número de consumidores dessas máquinas individualistas e predatórias que, poluindo a atmosfera, ocupam, para transportar uma ou duas pessoas, o espaço de meio ônibus que transporta sessenta ou oitenta passageiros”. (Corbisier, 1976, p. 170).

A problematização da proliferação do automóvel e suas consequências para a infraestrutura urbana possibilitou a Corbisier diagnosticar e apontar o caminho para a solução das contradições centrais do capitalismo, no qual estão inscritas a ciência e a tecnologia, a racionalização do processo econômico, em sua totalidade, e não apenas em seu momento produtivo, exige a transformação qualitativa do sistema que, ao invés de funcionar em benefício de classes e grupos privilegiados, deverá atender às exigências da razão e aos reclamos da justiça, pondo-se a serviço do

bem-estar de toda a coletividade.
(CORBISIER, 1976, p. 171-172).

Corbisier, nesta sua última declaração, preparou o caminho para a constituição de uma proposta utópica advinda da crítica radical, através do uso da imaginação, a visão da futura cidade socialista.

O autor apontava que a cidade contemporânea era o espaço do mercado, local da luta de classes e da exploração dos oprimidos pelos opressores. Isso era expresso na materialidade da organização urbana de diversas formas; através da separação entre bairros operários e burgueses, na abissal diferença existente entre os palácios dos endinheirados e os casebres dos pobres, no espaço mínimo ocupado pela dependência de empregada nos apartamentos, na divisão dos elevadores entre os chamados sociais” privilégio dos proprietários ou patrões, e os chamados “de serviço”, reservados aos “empregados domésticos e aos cachorros.” (CORBISIER, 1976, p. 240). Esta divisão brutal de classe também se expressava no transporte, em que carros particulares de luxo eram reservados para os patrões e os coletivos precários à classe trabalhadora.

Corbisier imaginou uma cidade socialista, aquela que seria a ágora do trabalho e da criação, a cidade operária, “em que todos viverão, igualmente, a custa do seu próprio trabalho”. Uma cidade autogestionária em que todos participariam do governo do espaço e do trabalho, e colaborariam na construção de um projeto comum na qual imperaria a razão e a liberdade. (CORBISIER, 1976, p. 244). Essa cidade que aboliria a exploração do homem pelo homem, e que colocaria os interesses públicos acima dos interesses particulares, extinguiria as já mencionadas estruturas urbanísticas advindas dos antagonismos de classes. A nova sociedade possibilitaria a criação de uma nova estrutura urbana, de uma nova materialidade, e, simultaneamente, de uma nova pedagogia,

permitirá edificar a cidade não apenas eficiente, capaz de propiciar aos seus habitantes todas as condições que permitam o seu pleno desenvolvimento, ou a sua plena humanização, mas a cidade também harmoniosa e bela, dotada, em sua forma física, de unidade, proporção, medida e equilíbrio, pois a cidade socialista não será o mercado, a ágora das mercadorias, mas a ágora da liberdade, que, esteticamente bela, deverá ser também a instância pedagógica suprema, capaz de contribuir, enquanto

cosmo e não caos, para a educação e a formação dos homens.(CORBISIER, 1976, p. 245).

Podemos dizer que esta cidade socialista é a expressão densificada da nova totalidade social entrevista nas lutas sociais analisadas por sua dialética hegeliano-marxista. Uma totalidade em que teoria da práxis e da cultura são faces de um mesmo processo de integração plena entre cultura e materialidade na aventura aberta da humanidade na história.

Considerações Finais

Nossa breve análise sobre a questão das técnicas, na visão de Corbisier, propiciou o encontro com uma complexa hibridização teórica, elaborada em meio a um contexto histórico sombrio de dominação militar e nebulosidade das possibilidades de transformação democrática. Neste contexto, Corbisier revê as suas teses sobre as relações entre técnica, desenvolvimento e cultura, redimensionando-as no rigor da teoria da práxis. Assim, compreende sob novos ângulos o processo de desenvolvimento nacional , dando novo valor às dificuldades trazidas pelo colonialismo tecnológico. As violências produzidas pelo processo colonizador são por ele denunciadas, tanto no seu exercício pelo estado, mediadas pelas armas, quanto na nova violência psicológica, usadas pelos meios de comunicação (CORBISIER, 1968 a). Para o filósofo é claro o papel da mediação da violência pelas técnicas.

O processo de hibridização teórica de Corbisier fica ainda mais evidente, quando o caráter substancialista de sua visão sobre as técnicas, oriundo de sua antiga opção existencialista-culturalista é retomado sob novas perspectivas no seu encontro com a discussão substancialista de Jacques Ellul sobre as técnicas. Por um lado, há o reforço das bases de sua teoria cultural, no qual a cultura se constitui no encontro do ser humano com suas circunstâncias, porém, por outro, ocorre o reforço na questão da materialidade e da historicidade deste encontro, ênfase inspirada no seu hegelianismo-marxista. É neste sentido que o desvelamento da história como antropofania, para Corbisier, passa a ter como uma das suas principais estratégias, a compreensão das técnicas, pois estas, como expressões culturais e materiais, revelam as constantes ressignificações e reconstruções do mundo empreendidas pelo ser humano através do seu saber fazer.

Este esforço de desvelamento das contradições de estarmos em um mundo dado e em transformação, leva Corbisier a deter-se na análise do nosso cotidiano no capitalismo. A sua inconformidade com a configuração vigente da sociedade industrial, leva-o a combater a sua irracionalidade congênita. É na cotidianidade, na materialidade das desigualdades sociais existentes nas cidades, na ideologização da propaganda e na irracionalidade do consumo, mediados e constituídos pelos meios técnicos de comunicação, no fortalecimento do regime através da adoção do discurso tecnocrático, que constata o processo de destruição da imaginação e fortalecimento da alienação. É também na cotidianidade que localiza a esperança do combate político transformador, seja na própria reconfiguração dos meios técnicos de comunicação como instrumentos de emancipação, seja na gênese de uma nova cidade socialista, uma ágora democrática, baseada em uma nova racionalidade e materialidade, advinda do controle dos meios de produção pelos trabalhadores.

Podemos constatar, portanto, o trânsito de Corbisier de uma percepção marcadamente instrumentalista e determinista da tecnologia, para uma aproximação, nas décadas de 1960 e 1970, das teses da teoria crítica sobre a tecnologia. Este caminho foi trilhado pelo filósofo, de maneira original, em sínteses criativas e contraditórias que envolveram as suas diversas raízes formativas e políticas; o seu modernismo cultural e conservador de caráter católico-integralista; a sua teoria cultural inspirada na fenomenologia existencialista e no culturalismo; a crescente influência da teoria da práxis em seu pensamento e a sua persistente elaboração em todo o período de uma teoria do desenvolvimento nacional.

Consideramos que o percurso criativo de Roland Corbisier contribui, em diferentes graus, para a elaboração de uma original teoria crítica das relações entre tecnologia, cultura e desenvolvimento na América Latina.¹²

Referências

- ADAS, Michael. **Machine as the Measure of Man: Science, Technology and Ideologies of Western Dominance**. Ithaca: Cornell University, 1989
- BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai & BÔAS, Glauca (orgs.). **O Moderno em Questão: A Década de 1950 no Brasil**. Topbooks: Rio de Janeiro, 2008.

¹² O percurso de Roland Corbisier apresenta grandes semelhanças ao do seu colega do ISEB, Álvaro Vieira Pinto. Sobre Álvaro Vieira Pinto ver: Queluz ; Merkle (2012).

CASTANHO, Sergio, *Roland Corbisier: o intelectual da cultura brasileira*. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2006, Goiânia. Anais - A Educação e seus sujeitos na História. Goiânia: Editora UCG, 2006. v. 1. p. 1-20. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo06/Sergio%20Eduardo%20Montes%20Castanho%20-%20Texto.pdf> . Acesso em 29 de dezembro de 2012.

CASTANHO, Sergio Eduardo Montes. **Nasce a Nação: Roland Corbisier, o nacionalismo e a teoria da cultura brasileira**. Campinas: Unicamp, 1993 (tese de doutorado, Faculdade de Educação)

CORBISIER, Roland. **Reforma ou Revolução?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968a.

CORBISIER, Roland. Prefácio in: ELLUL, Jacques. **A Técnica e o Desafio do Século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968b

CORBISIER, Roland. **Filosofia e Crítica Radical**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

CORBISIER, Roland. **Autobiografia Filosófica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a.

CORBISIER, Roland. **Filosofia Política e Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978b.

ELLUL, Jacques. **A Técnica e o Desafio do Século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FEENBERG, Andrew. Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia Neder, Ricardo T. (org.). Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS. Ciclo de Conferências Andrew Feenberg. Série Cadernos Primeira versão. A construção crítica da Tecnologia e Sustentabilidade. Vol. 1. Número 3. 2010

FEENBERG, Andrew. **Transforming technology. A critical theory revisited**. New York: Oxford University Press, 2002.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves Delgado (orgs.). **O Tempo da Experiência Democrática: Da Democratização de 1945 ao golpe civil- militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 (O Brasil Republicano, v.3).

GOMES, Fabrício Augusto Souza . Trajetórias e biografias: os itinerários intelectuais de Roland Corbisier e Álvaro Vieira Pinto. In: XV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio, 2012, São Gonçalo.in:**Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio**, 2012.

GOMES, Fabrício Augusto Souza . "O intelectual na História: uma abordagem sobre o ISEB". **La Razón Histórica - Revista hispanoamericana de Historia de las ideas**, v. 15, p. 15.5, 2011. Disponível em <http://www.revistalarazonhistorica.com/15-5/>

HEADRICK, Daniel. **The Tentacles of Progress: Technology Transfer in the Age of Nationalism**. Cambridge: Oxford University Press, 1988.

MANOEL, Ivan Aparecido Manoel; VALE, Antônio Marques do Vale. Roland Corbisier, intelectual da cultura no ISEB e no MEC hemiplégico, nas décadas de 1950-60. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação, 2006, Goiânia.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

OLIVEIRA, Márcio de. O ISEB e a construção de Brasília: correspondências míticas. **Soc. estado.**, Brasília, v. 21, n. 2, Aug. 2006. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Dec. 2012..

QUELUZ, Gilson Leandro ; MERKLE, Luiz Ernesto . Ciência, Tecnologia, Cultura e Desenvolvimento nas obras de Álvaro Vieira Pinto e Darcy Ribeiro nas décadas de 1950-1960. In: *Revista Espacios*, vol. 33(1), 2012.